

István Mészáros: Um breve comentário de “O desafio e o fardo do tempo histórico”

Ricardo Antunes*

Dossiê

O filósofo marxista István Mészáros é um autor referencial para tantos que lutam contra a lógica destrutiva que preside o mundo contemporâneo. Aluno e colaborador direto do filósofo húngaro Georg Lukács, com quem trabalhou diretamente na Universidade de Budapeste, na primeira metade dos anos 1950, tornou-se, dentre todos os antigos colaboradores de Lukács, o que mais efetivamente contribuiu para a realização de uma obra original, crítica e devastadora em relação às tantas mistificações hoje presentes.

Mészáros iniciou sua vida como operário na Hungria. Quando chegou à universidade, destacou-se pelo brilhantismo, competência e radicalidade. Sempre calibrando a atuação na universidade com as necessidades vitais da humanidade e a busca de sua transformação tornou-se desde logo um espírito anticapitalista excepcional.

Dotado de erudição enciclopédica, domina economia política, filosofia, teoria social e literatura como poucos. Sua obra dialoga criticamente com toda a produção relevante neste século, navegando dos clássicos aos contemporâneos, dotado de uma força invejável. Uma breve passagem por sua vasta produção seria bom exemplo. Mas basta dizer que seus livros *Marx's Theory of Alienation* (1970), *The Power of Ideology* (1989) e *Beyond Capital* (1995) – todos

* Professor Titular de Sociologia do IFCH/UNICAMP e autor de *O caracol e sua concha* (Boitempo), *Os Sentidos do Trabalho* (Boitempo), *Uma Esquerda Fora do Lugar* (Autores Associados), *Adeus ao Mundo do Trabalho?* (Cortez), dentre outros livros. Coordenador da coleção *Mundo do Trabalho* (Boitempo editorial), que vem publicando as principais obras de István Mészáros no Brasil.

publicados pela Coleção *Mundo do Trabalho*, que coordenamos na Boitempo¹ – apareceram em diversos países, do Norte ao Sul do mundo, incluindo a China, a Índia, o Japão, Oriente Médio, e foram reeditados inúmeras vezes.

István Mészáros é Professor *Emeritus* da Universidade de Sussex (Inglaterra). Trabalhou também em universidades na Escócia, Itália, Canadá e México, e sua obra ecoa em várias partes do mundo, despertando sempre crescente interesse. Seria impossível, neste breve comentário, falar de tantas teses e proposições que marcam sua trajetória. Destaco, então, algumas de suas formulações mais significativas, dotadas de enorme originalidade em seu pensamento.

O conjunto da obra de István Mészáros é uma crítica devastadora às engrenagens que caracterizam o sistema do capital. Em *Para Além do Capital* o autor, fortemente inspirado em Marx e em contraste com a totalidade da literatura sobre o tema, oferece uma distinção que será central entre *capital* e *capitalismo*. O capital é anterior ao *capitalismo* e é a ele também posterior. O capitalismo é *uma* das formas de realização do capital, a forma dominante nos últimos três séculos. Mas, assim como existia *capital* antes do *capitalismo*, há *capital após* o capitalismo.

Sua propositura apresenta, então, o que o autor denomina como *capital pós-capitalista*, vigente na URSS e demais países do Leste Europeu, durante várias décadas deste século XX. Estes países, embora *pós-capitalistas*, foram, entretanto, incapazes de romper com o domínio do *capital*. Isso porque, para Mészáros, o *sistema de metabolismo social* do capital tem seu núcleo central formado pelo tripé *capital, trabalho assalariado* e *Estado*, três dimensões fundamentais e inter-relacionadas, sendo impossível superar o capital sem a eliminação do *conjunto* dos elementos que compreende este sistema. Não basta, portanto, eliminar *um* ou mesmo *dois* dos pólos do sistema do capital, mas é preciso eliminar os seus três pólos. Essa tese tem uma força explicativa que contrasta com tudo que se escreveu até o presente sobre o desmoronamento da URSS, sendo também uma pista rica para se mergulhar no enigma chinês dos dias atuais.

1 *A teoria da alienação em Marx* (2006), *O poder da ideologia* (2004) e *Para além do capital* (2002), respectivamente. (N.E.).

Uma segunda formulação decisiva pode ser desse modo indicada: o *sistema sócio-metabólico do capital*, não tendo limites para a sua *expansão*, acaba por tornar-se *incontrolável* e essencialmente *destrutivo*. A produção e o consumo supérfluos, a destruição ambiental em escala global, o desemprego e a precarização do trabalho, ambos estruturais, são exemplares. Expansionista, destrutivo e, no limite, incontrolável, a forma dominante do sistema do capital é, então, a da crise endêmica, cumulativa, crônica e permanente, o que (re) coloca, como imperativo atual, frente ao espectro da destruição global – para não falar da política dos EUA de “guerra permanente” – a alternativa *socialista*. Mais um claro contraste com quase tudo que conforma a mesmice do pensamento dominante.

Em *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico*, seu livro novo, cujo primeiro lançamento foi realizado na UFSC (Florianópolis, 20 de novembro de 2007) – e não estamos falando somente em lançamento no Brasil, mas o primeiro de todos, uma vez que a edição brasileira foi publicada antes mesmo da edição em inglês da *Monthly Review Press* – Mészáros aprofunda a análise, com ênfase na sua *temporalidade*:

“Indivíduo nenhum e nenhuma forma concebível de sociedade hoje ou no futuro podem evitar as determinações objetivas e o correspondente fardo do tempo histórico, bem como a responsabilidade que necessariamente emerge de ambos. Em termos gerais, talvez a maior acusação contra nossa ordem social dada é que ela degrada o fardo inescapável do tempo histórico significativo – o tempo de vida tanto dos indivíduos como da humanidade – à tirania do imperativo do tempo reificado do capital, sem levar em conta as conseqüências” (MÉSZÁROS, 2007, p. 33).

E acrescenta:

“O modo historicamente único de reprodução sociometabólica do capital degrada o tempo porque a determinação objetiva mais fundamental de sua forma própria de intercâmbio humano é a condução irreprimível à contínua auto-expansão, definida pelas características intrínsecas a esse modo de intercâmbio societário como a necessária *expansão do capital*, alcançada na sociedade de troca apenas por meio da exploração do tempo de trabalho. O capital, portanto, deve tornar-se cego com relação a todas as dimensões do tempo

diversas da dimensão relativa ao trabalho excedente explorado ao máximo e o correspondente tempo de trabalho (*ibidem*)”.

E, mesmo correndo o risco do exagero nesta breve apresentação, acrescento, sempre segundo Mészáros:

“O capital não pode tolerar limites a seu próprio modo de reprodução sociometabólica. Por conseguinte, considerações sobre o tempo lhe são completamente inadmissíveis... Nem mesmo quando as condições devastadoras já são patentemente óbvias, tanto no campo da produção como no terreno da ecologia. A única modalidade de tempo em que o capital pode se interessar é o *tempo de trabalho explorável*. Isso se verifica mesmo quando a exploração cruel do tempo de trabalho se torna um *anacronismo histórico*, em virtude do desenvolvimento potencial da ciência e da tecnologia a serviço da necessidade humana. Contudo, uma vez que o capital não pode contemplar essa alternativa, [ele] se torna o *inimigo da história*” (*idem*, p. 25).

O desdobramento propositivo da obra meszariana é contundente: qualquer tentativa de superar este sistema de metabolismo social que se restrinja à esfera *institucional e parlamentar* está fadada à derrota. Só um vasto movimento de massas, radical e extraparlamentar, pode ser capaz de destruir o sistema de domínio social do capital e sua lógica destrutiva.

Muitas outras proposições poderiam ser indicadas, mas creio que a conferência apresentada por István Mészáros é mais que suficiente para delinear a força e a vitalidade de sua obra. Sugiro que os jovens estudantes aceitem o convite para ler uma das criações mais originais, instigantes e críticas, elaboradas por um autor assumidamente de esquerda, neste período que (quase) se parece com o tempo das trevas. Até porque, conforme se pode constatar da leitura deste novo e denso livro de István Mészáros (*O Desafio e o Fardo do Tempo histórico*), a humanidade não tem mais muito tempo pela frente...

Recebido em 17 de abril de 2008
Aprovado em 18 de abril de 2008